

Boletim Informativo da linha de pesquisa “Os Movimentos Anti-Sistêmicos na América Latina: O Caso Venezuelano”.

Os objetivos da Linha são identificar/analisar:

- os impactos sobre o reordenamento territorial geopolítico da AL;
- o papel anti-sistêmico da Venezuela;
- a contra-ideologia do governo Chávez e a reação dos EUA;
- a fundamentação de uma nova proposta de socialismo.

Equipe de Pesquisadores

- Charles Pennaforte
- Ricardo Luigi
- Angelo Lima
- Natália Regina Maciel

Nesta edição:

Venezuela: uma nova questão de segurança na agenda dos EUA 1

A força venezuelana sustentada pelo petróleo 2

Quem são os críticos da política externa [brasileira]? 2

Expediente

Editor: Charles Pennaforte
 charlespennaforte@cenegri.org
 Criação: Dep. de Marketing
 atendimento@cenegri.org
 www.cenegri.org
 www.cenegri.org/gert

Distribuição dirigida.
 Permitida a distribuição e citação desde que mencionada a fonte.

Movimentos Anti-Sistêmicos na América Latina: Venezuela

Venezuela: uma nova questão de segurança na agenda dos EUA*

“*In Venezuela, a demagogue awash in oil money is undermining democracy and seeking to destabilize the region*”.

Assim coloca *The National Security Strategy*, o documento anual expedido pela Casa Branca que delimita as estratégias de segurança norte-americanas. Após um extenso e exaustivo discurso acerca da relevância da luta contra o terrorismo e a necessidade de se levar a democracia e a liberdade para os povos oprimidos por governos tirânicos, o documento enumera os desafios regionais que demandam a atenção do mundo. É neste subitem que se encontra a grande novidade do documento deste ano; não só o narcotráfico, as guerrilhas e as fronteiras porosas dos países andinos (mais especificamente a Colômbia) são citados, mas também a Venezuela aparece como uma nova ameaça. Internamente, Chávez en-

frentou a oposição encastelada no poder há séculos numa área de combate digna dos tempos antigos.

Saiu vitorioso do golpe de Estado apoiado pelos EUA, por não ter repetido os erros da velha esquerda: a falta de apoio popular.

Neste sentido uma nova preocupação parece emergir na agenda de segurança norte-americana com relação a América Latina: “a desestabilização potencial da região representada pelo apoio do eixo Chávez-Fidel aos ‘movimentos esquerdistas’ na região”.

Chávez tem cada vez mais desempenhado um papel de liderança na América Latina graças ao sucesso de sua riqueza petrolífera na coopera-

ção com países sul-americanos nas áreas energética, social e cultural (vide o caso do carnaval carioca deste ano). Fidel por sua vez inspira grande admiração de seus vizinhos por ser – mes-



Hugo Chávez em La Habana, Cuba

mo em tempos de fortalecimento da globalização e de crescente interdependência decorrente da mesma – um país totalmente livre das amarras norte-americanas. (...)

Natália Regina Maciel

* Fragmento do artigo que será publicado na *Intellector* nº 5.

Participe do GERT

O principal objetivo do CENEGRI/GERT é ampliar a participação de todos os interessados na temática, sejam eles pesquisadores, professores e estudantes.

O trabalho de divulgação é a principal meta de qualquer centro acadêmico de pesqui-

sa. Por isso, nossas portas estão abertas para a sua participação. Caso você tenha interesse em publicar algum artigo sobre a temática deste boletim ou qualquer outro vinculado às relações internacionais, geopolítica, geografia e história, sinta-se à vontade para submeter os

seu originais.

A revista *Intellector* é o nosso órgão de divulgação. Visite o nosso site e fique por dentro das normas de publicação e caso tenha alguma dúvida, entre em contato conosco via e-mail. Será um prazer elucidar suas dúvidas.

Venezuela: a força que vem do petróleo



Fidel Castro e Hugo Chávez

A atual força econômica e ideológica da Venezuela vem despertando uma série de análises que beiram a superficialidade absoluta.

Para vários “teóricos” econômicos e das relações internacionais, o governo venezuelano vive absolutamente na “irrealidade”. Segundo tais teóricos, a Venezuela não possui condição alguma de exercer a sua atual influência geopolítica na América Latina. “Nenhum país pode viver só do petróleo”, dizem os especialistas e catedráticos formados nas universidades norte-americanas e certamente, européias.

Só existe um problema prático que tais analistas não estão observando ou fingem não observar: a Venezuela está não só vivendo do seu petróleo, como utilizando os seus recursos para colocar o seu plano geoestratégico em andamento. Ou seja: aumentar os laços econômicos, culturais e políticos dos países da região.

As análises são realmente patéticas por se basearem em parâmetros exclusivamente liberais e desvinculados do atual *status quo* latino-americano.

Com o atual preço do petróleo nas alturas, a Venezuela

está numa situação confortável para implementar o projeto político e econômico que Chávez vem delineando desde o início do seu governo.

Na verdade, o empenho de Chávez em ver a realização/concretização da Alternativa Bolivariana para as Américas (ALBA) e de vários outros projetos de integração (o gasoduto, por exemplo), é perfeitamente lógico.

Quanto mais rápido isso for possível, maior será a independência econômica do continente. E com ela, a sua.

Charles Pennafort

Quem são os críticos da política externa [brasileira]?

Na maioria das críticas contra a Política Externa do Brasil podemos identificar três claras tendências das elites brasileiras. Primeiro: a total incapacidade para pensar a longo prazo, para formular opções estratégicas e localizar o país em um horizonte de 25/30 anos. Assim, a maior expectativa nacional – e tema orgiástico dos especialistas – é a publicação da nova ata do Copom... Qualquer coisa com maior prazo pertence a Deus!

Segundo: o medo pânico do resultado da emergência das massas no cenário político contemporâneo. Agem e pensam como se fossem cidadãos e eleitores de outros países... Assim, se revoltam com as vitórias de Morales ou Chavez, e choram a derrota das minorias brancas, cultas e liberais, contudo incapazes de garantir o bem-estar social de seus povos. Ora, não temos que gostar de Morales ou Chavez, este é um problema para o povo boliviano e venezuelano. Temos que fazer bons negó-

cios, visando gerar empregos e renda no Brasil. Estes são os nossos interesses permanentes, daí a política de integração sul-americana. Temem, ainda, que o sucesso do “socialismo”, “indigenismo” ou “estatismo” em Caracas ou La Paz desminta o fundamentalismo de mercado das autoridades brasileiras. Assim, a política de Kirchner para a dívida provocou uma verdadeira, e fracassada, torcida contra, por puro pânico de contagiar a opinião pública brasileira. Ora, neste terreno podemos ter calma...

Modelos não são exportáveis, Fidel já apreendeu isso (embora outros líderes internacionais ainda pensem em exportar seus modelos nacionais de democracia).

Terceiro: a nostalgia do eixo do Atlântico Norte, como se as novas e importantes ampliações de mercados e negócios ao sul do Equador fossem em detrimento dos nossos laços com os Estados Unidos, por exemplo. Aqui temos uma ótima notícia: poucos, muito poucos, presi-

dentos desenvolveram melhores relações com Washington que a atual administração em Brasília. Além disso nossas trocas com o Atlântico Norte aumentaram substancialmente nos últimos anos.

Enfim, parecem não entender, que a política externa brasileira baseia-se em uma bela imagem de um xadrez tridimensional: plano Mercosul; plano Sul-Sul (Índia, China, África, América do Sul, incluindo-se aí o G-20) e o plano Sul-Norte, com a União Européia e Estados Unidos. A relação entre estes planos é dinâmica e de retroalimentação, importando em ganhos concretos e reconhecimento internacional de nossos interesses permanentes.

Francisco Carlos T. Silva

Professor Titular de História Moderna e Contemporânea da UFRJ/ Laboratório de Estudos do Tempo Presente. Publicado no site *CartaMaior* e adaptado para publicação no Boletim.

“Para vários ‘teóricos’ econômicos e das relações internacionais, o governo venezuelano vive absolutamente na ‘irrealidade’ ”